

LITERATURA E HISTÓRIA: A FICÇÃO MEDIANDO UMA FRONTEIRA POROSA

Prof^a Dr^a Celeste Maria Pacheco de Andrade¹ (UNEB/UEFS)

RESUMO: *As pesquisas históricas que lidam com a fronteira Literatura e História vêm ampliando temáticas e fontes. Essa expansão tem trazido alguns questionamentos por parte de críticos literários e por historiadores. O historiador, como cientista, tem estudado obras literárias, reconhecendo-as como documento histórico, principalmente ao retratar diferentes aspectos da realidade. O escritor, livre do aparato técnico que faz parte do ofício do historiador, também produz crítica social. O corpus de análise é o romance **Tenda dos Milagres** (1969), do escritor Jorge Amado, no qual ele constrói a tese da mestiçagem, a partir do enfrentamento entre a Faculdade de Medicina da Bahia e a Tenda dos Milagres, no romance, como “universidade popular”.*

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; ficção

Introdução

A tese que levantamos neste trabalho diz respeito ao estatuto do texto literário na sua condição de texto ficcional, bem como o seu uso como fonte de pesquisa histórica. Nisso consideramos que o texto ficcional contém elementos que lhe dão o *status* de fonte de pesquisa, desde que se considere a sua especificidade de estrutura narrativa, podendo cumprir o papel de fonte histórica, efetivando a fronteira entre o discurso literário e o histórico. Com este artigo, problematizamos algumas relações entre literatura e história tomando como *corpus* e estratégia discursiva a narrativa **Tenda dos Milagres** (1969), do escritor Jorge Amado. No conjunto da sua obra, o romance apresenta em momentos diferentes a vida do seu principal personagem, Pedro Archanjo. É uma história de vida, em torno da qual gira o texto literário. Trata-se de documento da história que representa a história de um contexto vivenciado pelo autor. Com o estudo do romance, fazemos um exercício de evidência de aproximação entre a história e a literatura.

A relação entre as duas áreas de conhecimento tem sido enfática nas discussões da atualidade em torno de novos paradigmas da pesquisa histórica, fruto da superação da crise vivida pelo conhecimento na transição do século XX para o XXI. No caso específico desse artigo, nos apoiamos na idéia de que à medida que novas temáticas e novas abordagens passam a fazer parte da pesquisa histórica, ficamos diante de novos desafios. Um deles e que nos interessa nesse momento é não apenas, a relação entre Literatura e História, mas, além disso, o diálogo entre as duas áreas.

Isso posto, nosso percurso é o seguinte: primeiro apresentamos algumas considerações genéricas sobre o *locus* de discussão da fronteira Literatura e História, especificamente a ficção. Seguimos com uma avaliação do romance **Tenda dos Milagres**, do escritor Jorge Amado e seu significado na obra e objeto de análise do presente artigo. Concluimos com algumas convergências elaboradas pelo ficcionista, envolvendo uma realidade histórica: a discussão em torno de questões raciais, no que faz o confronto entre a Faculdade de Medicina da Bahia, um dos espaços explorados na narrativa e o personagem principal Pedro Archanjo.

¹ Celeste Maria PACHECO DE ANDRADE, Prof^a Dr^a, (Universidade do Estado da Bahia/UNEB e Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS, Departamento de Educação), celestapacheco@gmail.com.

A leitura que fazemos não se limita a de um leitor que busca o entretenimento. Mesmo o romance em questão servindo também para esta função, fazemos uma leitura voltada ao mesmo tempo para a narrativa e para a interpretação. Nesse sentido é importante marcar o lugar que damos à narrativa de Jorge Amado: trata-se de uma referência importante para a compreensão de um contexto da história do Brasil no processo de formação da nacionalidade. Para nós trata-se de uma fonte especial de pesquisa.

1. Literatura e História: posicionamentos teóricos

Quando tratamos do estudo de uma fronteira epistemológica como literatura e história, é importante trazer para a reflexão *Roger Chartier*, historiador especialista nos estudos culturais. Nesses estudos uma das questões postas é o uso de diversidade de fontes, documentação e linguagens. O uso da literatura e, dentro desta, a ficção faz parte do processo de ampliação de temas e abordagens da pesquisa histórica. Na relação entre história e literatura, *Chartier*, atento para questões relacionadas com a definição do ofício do historiador, acrescenta um terceiro elemento, a ficção, posta num lugar de falsificação. Ele considera que “se as falsificações são reconhecidas como tais é porque há um conhecimento capaz de desmantelá-las e de reconstruir a falsificação como falsificação” (CHARTIER, 2001, p. 176). Para esse historiador, a ficção é uma das vias de desconstrução das operações de uma investigação. Sem pretender particularizar a análise para essa perspectiva, a reflexão de *Chartier* é importante porque chama a atenção para a operação da pesquisa histórica. Para nós, isso é importante, pois estamos tratando de uma fronteira porosa, capaz de mediar o conhecimento histórico.

As pesquisas históricas que lidam com a fronteira dessas duas áreas do conhecimento, a História e a Literatura, vêm cada vez mais abrindo horizontes em termos de temáticas e fontes documentais. No entanto, esta expansão de campo de estudo tem trazido alguns questionamentos por parte de críticos literários, bem como por historiadores. Evidentemente, a história da literatura possibilita o acesso ao conhecimento histórico, mas dentro dos limites do seu estatuto, ou seja, o conhecimento de obras literárias, tendo um lugar especial as canônicas. A aproximação das duas áreas se evidencia por ter como base de estilo a narrativa. Esta, por sua vez, se alimenta do contexto de cada época em que se deu a produção da obra, com os valores vivenciados pelo seu autor. E quando nos referimos ao contexto, aspecto tão caro aos historiadores, entra em cena outros conceitos históricos, como sujeitos (autores ou não de ações), temporalidades e fatos.

O historiador, do seu lugar de cientista, tem se dedicado a estudar obras literárias, reconhecendo-as como documento histórico, principalmente, ao retratarem diferentes aspectos da realidade brasileira. Assim, testemunhamos a relação dessas duas áreas na fronteira ao produzirem discursos sobre a sociedade brasileira, seja através da chamada literatura de viagem, destacando-se crônicas e relatos, seja através de versos, denúncias presentes no romance social, memórias e tantas outras modalidades de narrativa e de discursos construídos ao longo da história e da história da literatura brasileiras. Se a literatura não faz análises, não merece ser cobrada por isso, pois não faz parte do seu estatuto de bases teóricas para a constituição da crítica documental, mas da crítica social. No entanto possibilita aos leitores um conhecimento ao menos panorâmico da História do Brasil.

No romance citado, há uma circulação recorrente entre acontecimentos (verídicos) registrados por outras fontes históricas, tradicionalmente reconhecidas e fatos resultantes da imaginação do seu autor, em cuja narrativa os personagens ocupam espaços sociais da realidade, tomada como referência para o evento narrado. Trata-se de indícios factuais, representados no texto ficcional. O que fizemos no nosso estudo foi o cruzamento entre os dados da história e o texto ficcional.

O estudo da fronteira Literatura e História pressupõe uma análise transdisciplinar da ficção, uma vez que dois conceitos atravessam a relação, processos sociais e imaginários. É possível compreender as origens das duas áreas do conhecimento numa perspectiva de união e não de separação. E é no estudo das relações que inferimos que os fatos ficcionais contêm plausibilidade histórica, assim como os fatos históricos possuem na sua dinâmica a força do imaginário. É importante salientar que tanto a História quanto a Literatura, possuem características próprias e uma não nega a outra, mas, também, uma não é a outra. E quando em Literatura situamos ficção, afirmar que se trata de linguagens diferentes torna-se ainda mais necessário.

Para este diálogo trazemos *Hayden White* que afirma:

...os historiadores devem utilizar exatamente as mesmas estratégias tropológicas, as mesmas modalidades de representação das relações em palavras, que o poeta ou o romancista utiliza. No registro histórico não-processado e na crônica de eventos que o historiador extrai do registro, os fatos existem apenas como um amálgama de fragmentos contiguamente relacionados (WHITE, 1994, p. 141).

A partir de *White*, ampliamos nossa compreensão sobre a relação Literatura e História e, mesmo reconhecendo seu estilo provocativa e muitas vezes radical, reconhecemos que a sua tese não destrói a diferença entre os dois discursos, o que de fato ele faz é redefinir as relações entre eles.

Com o estudo do romance **Tenda dos Milagres** (1969), tecemos algumas considerações sobre as possibilidades da Literatura e da História em apreenderem a realidade social, a partir da escritura de sujeitos sociais portadores dos valores e das idéias do seu tempo.

2. O romancista “historiador” e sua obra

Publicado em 1969, pela Martins Fontes com tiragem de 75 mil exemplares, o romance **Tenda dos Milagres** sempre foi considerado pelo escritor como o seu melhor romance. A temática faz parte do seu interesse, presente nos seus escritos a partir da década de 1960, quando passou a focar a questão racial fazendo a defesa da diferença étnica e das práticas culturais decorrentes dessa diversidade, que no discurso do colonizador se afastava da lógica ocidental européia cristã. De modo gradativo, o discurso etnocêntrico do escritor parte das características físicas de um personagem como Honório, em **O País do carnaval** (1931), assim como Antonio Balduino, em **Jubiabá** (1935). O interesse pela cultura negra se ratifica em **Os Pastores da Noite** (1962), via reconhecimento de uma religião daquela cultura, alcançando seu auge em **Tenda dos Milagres** (1969).

Seguindo a abordagem de Gilberto Freyre no trato da miscigenação como democracia racial, Amado, em **Tenda dos Milagres**, tensiona esta problemática amadurecendo para uma defesa da representação identitária da cultura negra. Na avaliação do escritor, o romance “trata da questão da formação da nacionalidade brasileira, a miscigenação, a luta contra o preconceito, principalmente o racial, e contra a pseudociência europeísta” (RAILLARD, 1997, p. 216). Para Ventura:

A ideologia da mestiçagem, como fusão de raças e culturas, se tornou elemento recorrente na literatura, na historiografia e no ensaísmo brasileiros. A partir de tal ideologia, a “síntese” racial e cultural é vista como um traço específico, ou marca de identidade, que funda concepções homogêneas e pouco diferenciadas de cultura. (VENTURA, 1991, p. 67).

Segundo Fábio Lucas “a despeito do seu engajamento, a obra de Jorge Amado é polifônica, reúne várias proposições ideológicas e reivindicações sociais” (LUCAS, 1997, p. 104). O processo de engajamento do escritor tem continuidade no projeto de construção da identidade nacional, questão claramente localizada na obra em estudo.

A formulação intelectual de Jorge Amado, trinta e quatro anos depois, orienta-se, em **Tenda dos Milagres** (1969), por uma revisitação da questão racial, como se pode deduzir da fala do escritor: Tenda dos Milagres é Jubiabá revisitado, mas a conotação é diferente. O escritor insere o tema raça, com outra abordagem, colocando na categoria de herói romanesco um personagem mestiço, Pedro Archanjo, servindo para defender a tese da mestiçagem, enquanto maior contribuição da Bahia e do Brasil para a humanidade.

Utilizando a história e a reconstrução da vida do personagem Pedro Archanjo para construir a sua tese sobre o tipo brasileiro ideal para representar a nação, Jorge Amado transforma-o em símbolo nacional. Obedece ao movimento de modificar a própria história do personagem: de homem comum, convivendo no baixo meretrício, torna-se um sujeito preparado intelectualmente, a ponto de enfrentar os desafios do maior símbolo do conhecimento formal, naquele momento, na Bahia, a Faculdade de Medicina. Foi nessa instituição e através dela que o escritor pôde fazer vingar a diversidade de conhecimento em torno das teses raciológicas.

Do conjunto dos personagens do romance, o protagonista é Pedro Archanjo, nascido em 18 de dezembro de 1868 e morto “em 1943, aos setenta e cinco anos de idade. Grande massa popular acompanhou seu enterro, ao qual estiveram presentes o professor Azevedo e o poeta Hélio Simões”. (Tenda dos Milagres, 1969, p. 187). Filho póstumo de Antônio Archanjo, morto nos campos de batalha da Guerra do Paraguai (1864-1870) e de *Noca de Logundê* que, trabalhando como lavadeira, criou, com sacrifícios, o filho. Ao morrer, ela deixa-o ainda muito jovem, o que o faz embarcar num cargueiro para o Rio de Janeiro. Retorna aos vinte e um anos de idade, estabelecendo-se ao lado de Lídio Corrô, amigo de longas datas, do tempo em que Pedro Archanjo frequentou o Liceu de Artes e Ofícios.

É importante testemunhar o envolvimento do escritor com este romance, principalmente quando afirma, em entrevista a *Alice Raillard*, que “de meus livros, é o meu preferido, cuja temática mexe muito comigo” e sobre o personagem principal afirma que “talvez Pedro Archanjo seja, de todos os meus personagens, o mais completo” (RAILLARD, 1990, p. 216).

Em termos de estilo, pode-se dizer que **Tenda dos Milagres** resulta de uma diversidade de narradores e de saberes, o que nos permite inferir ser ele uma justa representação da fronteira história e literatura. Aproximando-se do gênero da paródia cujo texto é permeado de outros textos, **Tenda dos Milagres**, compõe-se de uma variedade de narradores. Seria essa uma forma de o escritor dar legitimidade à sua criação?

O contexto da narrativa é o final da década de 1960 e refere-se a um Brasil que vivia o Regime de Exceção, mais conhecido como Regime Militar. Tema este, de relevância social, pois tratava-se de um momento em que as liberdades e os direitos individuais estavam suspensos. No entanto, a narrativa adquiriu, ao longo dos anos, credibilidade e legitimidade sobre acontecimentos sociais e políticos da história do Brasil moderno, favorecendo aos estudiosos das ciências humanas articular a função e força do texto literário como denúncia, ou seja, como lugar de veiculação de uma verdade histórica, estratégia presente nos textos ficcionais do escritor. Aliás, o próprio Jorge Amado admitiu, numa entrevista concedida a *Alice Raillard*, que este livro resultou de um conjunto de dados sobre a personagem principal do romance em estudo, Pedro Archanjo. Tais informações possibilitaram fazer esta composição, de forma que teria sido extraído da vida real, fato constatado por muitos dos leitores que conseguiram identificar marcas da “verdade histórica” na ficção em consonância com a “verdade poética” da literatura, possibilitando inferir na existência de um personagem não ficcional.

Importante que esta estratégia, tão presente na obra de Jorge Amado, traz à tona algumas questões decisivas em termos de relações entre a produção da ficção e as realidades sociais, que se mantêm atuais nos estudos literários. Nesta teia discursiva é que podemos conhecer os projetos éticos e estéticos do escritor, bem como as imbricações permitidas pelos processos ficcionais, ensejando apreender suas idéias e visões de mundo, atuando como força responsável pela disseminação de valores.

3. Tenda dos Milagres e a Faculdade de Medicina: uma convergência

O romance **Tenda dos Milagres** do escritor Jorge Amado assume um papel significativo no conjunto da sua obra. É uma narrativa que chega a brincar com os leitores através do uso que faz das temporalidades claramente datadas: o ano de 1969, considerado pela teoria literária como o tempo do discurso. No romance, o narrador, através de um possível “túnel do tempo” transporta o leitor para o tempo da história, entre 1868 e 1943. Temos aí duas balizas históricas: final do século XIX, quando o País ainda vivia no sistema de governo monárquico, mais precisamente no governo de D. Pedro II; e a outra data, da morte do personagem central, Pedro Archanjo, correspondendo ao Brasil na Era Vargas, vigência do Estado Novo, cujo contexto ocidental foi marcado pela II Guerra (1939-1945). O período de vida de Pedro Archanjo, no romance, refere-se ao tempo da história, quando foi realizada uma pesquisa de campo, cujo objetivo era reconstituir a vida e a obra do personagem. Para o que nos interessa defender nesse texto, essa pesquisa tem papel importante, na medida em que o responsável pela realização de tal obra foi um acadêmico estrangeiro:

James D. Levenson, “um dos cinco gênios do nosso século” segundo a Enciclopédia Britânica: filósofo, matemático, sociólogo, antropólogo, etnólogo, muita coisa mais, professor da *Columbia University*, prêmio Nobel de Ciência, tudo isso e, como se tudo não bastasse, norteamericano (*Tenda dos Milagres*, 1969, p. 17).

Trata-se de uma descrição detalhada, na qual enfatiza as competências daquele que iria realizar uma pesquisa de tamanha envergadura. Além disso, há uma exaltação a um personagem, cuja nacionalidade não passa despercebida pelo escritor, uma vez que o pós-64 representou, no contexto brasileiro em pleno Regime de Exceção, o alinhamento entre o Brasil e os Estados Unidos, ficando explícita a dependência econômica não só do Brasil, mas de outros países.

O enredo centra-se na trajetória da vida do personagem principal, também objeto de pesquisa de um estrangeiro, *Levenson*, que realiza buscas sobre a vida de Pedro Archanjo, ao mesmo tempo bedel (funcionário) da Faculdade de Medicina e Reitor da Tenda dos Milagres (Faculdade do Povo), ambas ocupando o mesmo espaço geográfico, o Terreiro de Jesus. Este é o momento em que esses dois símbolos de poder se relacionam. Jorge Amado, na sua acuidade de observar a realidade e transportá-la para as páginas do romance, com a sua capacidade inventiva proporciona o encontro das duas instituições, cada uma delas representando um saber diferente, mas muito semelhantes em significados para aqueles a quem representam.

O espaço de diálogo e de confronto de Pedro Archanjo é a Faculdade de Medicina da Bahia. A instituição iniciou sua história em 1808, com a denominação de Escola de Cirurgia da Bahia. Funcionava como um espaço que simbolizava *status* e prestígio. Seus quadros eram formados, na sua maioria, por homens representantes das camadas sociais que iriam também compor os quadros políticos e intelectuais. Entre os temas difundidos na Instituição estava

raça, mais precisamente, o cruzamento racial, servindo para explicar a criminalidade, a loucura e a degeneração. Nesse ponto há o encontro entre Pedro Archanjo e os doutores da Faculdade (personalidades). Como funcionário passa a atuar com destaque naquele espaço: “aos trinta e dois anos, exatamente em 1900, Pedro Archanjo foi nomeado bedel da Faculdade de Medicina e assumiu o seu posto no terreiro. Logo popular entre os estudantes, em breve lhes ensinava rudimentos das matérias” (Tenda dos Milagres, 1969, p. 104).

No romance, a Faculdade de Medicina não é apenas uma instituição formadora de quadros de profissionais da área de saúde, mas funciona como aglutinadora de um pensamento pretensamente hegemônico, bem como divulgadora das teses raciológicas, tendo *Gobineau* como um dos seus principais representantes. A partir desse posicionamento, questões vinculadas ao tema mestiçagem fazem parte da trajetória tanto da Faculdade, quanto da vida de Pedro Archanjo. As aproximações não esgotam aí, pois “em 1868, quando Pedro Archanjo nasceu, *Gobineau* cumprira cinquenta e dois anos de idade e há quinze publicara o *Essai sur l'inegalité des races humaines*” (Tenda dos Milagres, 1969, p. 204).

Na avaliação de Celeste Andrade:

Ao longo da obra de Jorge Amado, há um espaço especial dedicado à Faculdade de Medicina. Além de a mesma aparecer como um dos componentes do cenário dos seus romances – o Terreiro de Jesus – o escritor evidencia o papel daquela instituição como símbolo de **saber** e de **poder**, em alguns casos assumindo o papel de personagem das suas narrativas, como em **Tenda dos Milagres**. É na Faculdade de Medicina que Pedro Archanjo ganha evidência, graças ao processo de criação de um outro perfil para ele, pois, iniciando aí a sua passagem na condição de bedel, chega a ser um dos seus expoentes, saída encontrada pelo romancista para o personagem enfrentar as teses racistas que então se desenvolviam. (ANDRADE, 1999, p. 198).

Tomando também como referência um outro personagem da ficção e da história, Nina Rodrigues pode ser considerado como símbolo de aproximação entre os dois universos presentes no romance. Médico e etnólogo, Nina Rodrigues foi professor da disciplina Medicina Legal na Faculdade de Medicina, entre os anos de 1891 a 1906. Acrescente-se ao seu currículo a autoria de duas obras: **O animismo fetichista dos negros baianos** (1896) e **Os africanos no Brasil** (1932). A relação de temporalidade e temática é importante para essa reflexão, se consideramos que o tema “raça negra” estava presente na literatura do século XIX, quando o Brasil vivia um momento de campanha abolicionista. Outro registro importante do contexto é a relação entre o médico escritor e a sua publicação em 1894 **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**, na qual desenvolveu a tese destacando que “o negro, o índio e o mestiço tenham responsabilidade penal atenuada ou nula” (VENTURA, 1991, p. 54). Sintetizava, assim, a idéia de que o mestiço também apresentaria alto grau de criminalidade, graças à degeneração resultante do cruzamento de raças diferentes.

Chegamos, portanto, ao ponto de convergência de dois universos, através da aproximação de duas instituições distintas: a **Tenda dos Milagres** e a Faculdade de Medicina. Enquanto a primeira representava o saber popular e defendia a miscigenação como sendo a maior contribuição da Bahia para a humanidade, a segunda centralizava e divulgava as teses raciológicas. Para compreendermos essa relação é importante lembrar que a narrativa trata da trajetória de vida de Pedro Archanjo, que se estende a uma parte do século XIX, período em que as teses raciológicas conviviam no Brasil com ideários naturalistas, cientificistas, positivistas e evolucionistas. Importante trazer para a compreensão das teses aqui formuladas, a síntese de Zuenir Ventura a esse respeito:

A questão étnica se tornou central, no Brasil, em termos de implantação do liberalismo e do trabalho assalariado. O racismo científico foi adotado, de forma quase unânime, a partir de 1880, enviesando os ideários liberais, ao refrear suas tendências igualitárias e democratizantes e dar argumentos para estruturas sociais e políticas autoritárias (VENTURA, 1991, p. 58).

Vale ponderar que a questão étnica não é o eixo da obra de Jorge Amado. O escritor iniciou sua carreira com o chamado “romance proletário”, focalizando os trabalhadores rurais, como é o caso de **Cacau** (1933) e os trabalhadores urbanos, como **Suor** (1934). Tematizando a população pobre da Bahia, sua trajetória até **Jubiabá** (1935) marca a presença da figura do negro na ficção brasileira. Mesmo inicialmente com conteúdo ideológico não definidor de sua produção ficcional de até então, o escritor presentifica, nesses romances, outro tratamento, que vai amadurecendo até a escritura de **Terras do Sem Fim** (1942), quando o viés ideológico já não se faz tão presente.

Conclusão

Situado entre os escritores mais lidos e traduzidos da produção literária brasileira, Jorge Amado privilegia uma identificação que chega a ser testemunhal, presente desde as suas primeiras publicações na década de 1930. Considerado como escritor engajado, embora sem uma bandeira fixa em termos de luta social ou política, os temas por ele abordados na narrativa ficcional tornaram-se uma estratégia para imprimir verossimilhança, uma vez que percorreram questões sociais como violência, infância abandonada, entre outras. Esta é uma das características que possibilitam aos estudiosos enveredar pelas análises das fronteiras entre a literatura e a história.

Como pudemos perscrutar a Faculdade de Medicina, no romance, não é apenas uma instituição de ensino. É o espaço por excelência do suceder de tensões presentes na narrativa e que alavanca a questão que nos interessa nessa reflexão. Pedro Archanjo, ao tornar-se bedel da Faculdade, passou a lidar de frente com uma questão ao mesmo tempo pessoal e social, portanto, histórica. Trata-se das teses raciológicas que compunham o acervo de idéias que circulavam e eram difundidas naquele espaço, servindo de cenário para o processo de enfrentamento de Pedro Archanjo.

Assim é que as contribuições, que rejeitavam o racismo científico, terminaram por incentivar a valorização da mestiçagem, no sentido de defesa de uma identidade nacional, a partir de elementos como raça e cultura.

Essas questões podem ser lidas em **Tenda dos Milagres** no processo de enfrentamento feita por Pedro Archanjo ao paradigma étnico-biológico, o que, em termos de elaboração dos seus romances, o enfrentamento se deu através da valorização psicológica às raças, a partir da glorificação do seu cruzamento e a conseqüente cultura que resultou da miscigenação.

Assim, o escritor brinda o leitor e os estudiosos das ciências humanas e sociais com a possibilidade viabilizada pela ficção do estudo de um tema importante para a história das ciências, trazendo à tona, de forma relacional, dois conceitos: raça e ciência.

O estudo permite-nos concluir que a ficção pode propiciar uma leitura da realidade, solidificando a imagem de uma fronteira porosa, isto é, uma intersecção dos dois campos do conhecimento: Literatura e História.

Referências Bibliográficas.

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 30 ed. Rio de Janeiro : Record, 1993.

ANDRADE, Celeste M. P de. **Bahia, Cidade-síntese da nação brasileira**: uma leitura em Jorge Amado. São Paulo: PUC, 1999, Tese de Doutorado.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Jorge Amado**. São Paulo : Instituto Moreira Salles, 1997, n.3.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre : ARTMED, 2001

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990©

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a Crítica da Cultura. São Paulo: EDUSP: 1994.